

O ÓDIO DO “MACHO”: PANORAMA DOS HOMICÍDIOS DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS¹

Francisco Ricardo Miranda Pinto²

Francion Maciel Rocha³

Claudia dos Santos Costa⁴

Graça Maria de Moraes Aguiar e Silva⁵

Francisco Ulisses Paixão e Vasconcelos⁶

248 |

RESUMO

Este estudo tem como temática central a homofobia e os homicídios diretos ou indiretos relacionados à orientação sexual e/ou gênero psíquico. O objetivo geral é apresentar o panorama dos homicídios a LBTT ocorridos no Brasil nos 10 primeiros meses de 2015 através de pesquisa de cunho qualitativo com abordagem descritiva no formato de apresentação dos dados e a partir de então desenvolver a discussão e reflexão à luz da literatura já vigente e/ou dos relatórios já apresentados por organizações não governamentais que lutam pela causa LGBT. Os dados confirmam 256 mortes ocorridas no Brasil em 10 meses com predomínio da cor branca, faixa etária de 20 a 29 anos, maior prevalência na Região Sudeste, em específico no Estado de São Paulo, contra homossexuais biologicamente masculinos, em vias públicas, maior predomínio de uso de arma de fogo por executores não identificados. Considera-se assim que as políticas públicas de segurança, atenção e direitos humanos à população LGBT é insipiente deixando-a vulnerável ao preconceito velado no discurso social, mas enfático na prática.

PALAVRAS-CHAVE

Preconceito; Transhomofobia; Assassinato; LBTT; Intolerância.

Introdução

No último dia 03 de novembro do ano de 2015 foi registrado pelo sítio do Grupo Gay da Bahia [GGB]⁷ mais um caso de suicídio de um jovem de apenas 16 anos de idade na cidade de Poá no Estado de São Paulo, sendo o segundo caso registrado no corrente ano. Este fato não é, apesar de representar a segunda ocorrência no país, isolado, pois nos últimos anos o Brasil tem ostentado e amargado o primeiro lugar no ranking de homicídio de gays, lésbicas, travestis e transexuais (Bahia, 2014).

Os episódios de assassinato de homossexuais tem recebido nos últimos anos a atenção do GGB que mantém um sítio na rede mundial de computadores e por ele expõe os homicídios registrados no país, considerando a homofobia que parece nutrir uma questão já antropológica que determina os padrões e parâmetros marcados por uma ideia de que o

¹ Trabalho apresentado no GT “Violências: femicídio e LGBTQfobias” do V Congresso Internacional em Estudos Culturais: Gênero, Direitos Humanos e Ativismos.

² Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú e da Prefeitura Municipal de Varjota, Mestrando em Saúde Coletiva, Universidades de Fortaleza. E-mail: ricardo-miranda1629@hotmail.com.

³ Professor da Prefeitura Municipal de Reriutaba, Graduando em Letras, Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: francion_maciel@hotmail.com.

⁴ Professora do Curso de Serviço Social, Instituto Superior de Teologia Aplicada. E-mail: claudiacostabraga@gmail.com.

⁵ Professora do Curso de Serviço Social, Instituto Superior de Teologia Aplicada. E-mail: gmmorais2005@yahoo.com.

⁶ Professor do Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: fupv_26@hotmail.com.

⁷ <https://homofobiamata.wordpress.com/>

homem visto em seu aspecto biológico, é aquele que mantém sua masculinidade a toda prova, relacionando-se apenas com o sexo oposto em uma postura de dominação (Ceccarelli, 2013) ou regra do jogo o discurso de poder (Foucault, 1976), o machismo cultural caracterizando os homens como sexo forte.

A construção da heterossexualidade vem, há séculos, reforçando os conflitos de gênero, bem como a rejeição as ações comportamentais incompatíveis aos padrões sociais para a prática social masculina. O homem macho que tem virilidade aflorada, que é exemplo de coragem combate as questões de gênero representadas pelos homossexuais que são historicamente quase que inaceitáveis por conta dos padrões antropológicos, sociais e culturais (Ceccarelli, 2013; Silva, 2000).

Este aspecto histórico de rejeição aos homossexuais é identificado ao longo da literatura apontando apedrejamentos na Judeia, decapitações sob as ordens de Constantino, afogamentos, enforcamentos ou queimados na época da inquisição e também no nazismo (Mott, 2001) com menção no Livro Sagrado, A Bíblia, às relações entre homens e assim, por se dizer, as origens do preconceito a partir da concepção e da leitura de cada um (Bíblia, 2009).

Os dados apontados pelos relatórios do GGB revelam que o preconceito ainda é supremo no Brasil e o assassinato é a maior das violências contra a população LGBTT que tem honrado com a própria vida uma herança milenar de persistência do preconceito que ocorre na escola, na igreja, nas famílias, nas comunidades, que tem ceifado sonhos e perspectivas, desrespeitando direitos humanos já perpetuados como o direito a viver com liberdade, segurança social e pessoal, sem submissão à tortura e outras formas cruéis, sendo reconhecido como pessoa em qualquer lugar (Brasil, 2010).

Este estudo tem como temática central a homofobia como responsável por já 256 homicídios diretos ou indiretos relacionados à orientação sexual e/ou gênero psíquico. O objetivo geral é realizar um panorama dos homicídios a LGBTT ocorridos no Brasil nos 10 primeiros meses do ano de 2015 através de uma pesquisa de cunho qualitativo com abordagem qualitativa de forma a apresentar os dados e desenvolver a discussão e reflexão dos resultados à luz da literatura já vigente e/ou dos relatórios já apresentados por organizações não governamentais que lutam pela causa LGBT.

Metodologia

Este estudo é caracterizado como uma pesquisa de natureza qualitativa de abordagem descritiva com o intuito de gerar conhecimento de uma causa, assunto determinado, todavia não tem aplicação prática prevista (Kauark, Manhães & Medeiros, 2010), sendo concebida como um processo, termo que significa dinâmico, mutante e evolutivo (Sampieri, Colado & Lucio, 2015).

Foi realizado a partir de fontes secundárias de informações, colhidas diretamente do sítio do GGB que faz o acompanhamento diário dos homicídios por questões relacionadas à homofobia no Brasil. Ainda que estes dados sejam coletados a partir de matérias jornalísticas publicadas na rede mundial de computadores e seus dados não sejam validados por nenhum instrumento oficial é a partir deles que são produzidos os relatórios anuais de assassinato da população LGBTT dando a dimensão do crescimento da lesbohomotransfobia.

Para atingir o objetivo proposto de expor como os dados de homicídios de LGBTT são crescentes, optou-se por fazer um estudo temporal retrospectivo, cujo início se dá no passado vindo até o presente (Hochman, Nahas, Oliveira Filho, & Ferreira, 2005) adotando como critério de inclusão que o fato tivesse ocorrido no período de 1º de janeiro até 31 de outubro de 2015 e que fosse registrado no sítio. Foram excluídos os casos que no primeiro momento da pesquisa eram classificados como homicídio homofóbico e que por algum motivo inerente aos administradores do site foram retirados sem comunicação prévia ou que foram publicados com data retroativa a data de fechamento desta pesquisa que ocorreu em 01 de novembro de 2015.

Os dados, após coletados e tratados são expostos utilizando estatística descritiva simples apontando os índices gerais em porcentagens respeitando a amostra de 256 mortes ocorridas no período, analisando as informações expostas pelo sítio da internet sobre etnia/cor/raça, faixas etárias⁸, orientação sexual ou gênero psíquico, meios de execução e executores, locais onde ocorreram os fatos e por fim a estratificação por regiões brasileiras seguido do estado onde ocorreram os maiores números de assassinatos.

A discussão sobre os resultados é discursiva e comparativa com dados de outros países do mundo que tem expostos seus dados de homicídios homofóbicos e/ou outros estudos que apontam semelhanças com as informações coletadas ou outras que são inidentificáveis nas imagens veiculadas pelo sítio.

Resultados

Os dados para desenvolvimento e discussão deste estudo foram coletados diretamente do sítio do GGB que aponta em suas matérias as seguintes informações: raça/etnia/cor, idade, orientação sexual, estado da federação, cidade, suspeito/responsável, *causa mortis*, ambiente onde ocorreu, dia/mês/ano e o nome da vítima, seja ele social ou não, quando possível identificar, não seguindo uma ordem padrão.

Os dados sociodemográficos apontam que dos 256 (100%) homicídios ocorridos nos 303 primeiros dias do ano de 2015, 102 (40%) foram cometidos contra pessoas de cor branca, 72 (28%) pardos, 59 (23%) não identificados [NI] e 23 (9%) eram pretos. O grupo etário mais dizimado foram aqueles que tinham entre 20-9 anos com 92 mortos, o equivalente a 36% do total, 50 (20%) com idades entre 30-9 anos, 40 (16%) NI, 34 (13%) com idades de 40-9 anos, 21 (8%) com idade entre 10-9, 17 (7%) com faixa etária de 50-9 anos e por fim duas mortes sendo respectivamente de 60-9 anos e 70-9 anos.

A geografia dos homicídios indica que a Região Sudeste tem o maior índice de crimes por transhomofobia com 91 mortes – 36% do quantitativo total do país sendo no Estado de São Paulo a maior prevalência com 48 homicídios – 53% do total daquela região. A Região Nordeste vem em segundo lugar com 81 assassinatos – 33% estando a maior concentração no Estado da Bahia com 27 – 33% de mortes daquela região. A Região Norte, terceiro lugar, teve 37 homicídios – 14% do total nacional com maior prevalência no Estado do Amazonas com 19 mortes – 51% daquela região. A Região Centro-Oeste tem por sua vez 28 assassinatos – 11% do total, sendo o Estado do Mato Grosso do Sul o mais violento com 10 mortes – 36%

⁸ Para melhor apreensão dos resultados as faixas etárias foram estratificadas em agrupamentos de 10 anos.

do quantitativo daquela região. Na Região Sul foram 14 mortes – 6% do total nacional sendo nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina a maior prevalência perfazendo 05 assassinatos – 36% do total daquela região.

Os maiores casos de violência são registrados contra gays perfazendo um total de 133 casos – 52%, seguidos de transexuais 100 – 39%, lésbicas 13 – 5%, 7 – 3% de heterossexuais e 3 – 1% de bissexuais, tendo ainda bem mascarado o(s) responsável (eis) pelas execuções visto que em 202 casos (79%) não há identificação do assassino. O segundo maior grupo de assassinos são os companheiros ou profissionais do sexo com 14 e 12 casos (5%) respectivamente, 10 casos (4%) foram cometidos por parceiros de sexo casual ou profissional do sexo ficando os ex-companheiros com menor número de assassinatos, registrando 08 casos (3%).

Chama a atenção o fato de 157 (61%) dos eventos terem ocorrido em via pública, 78 (31%) em residências, 18 (7%) em estabelecimentos privados e 3 (1%) não identificados.

Discussão

É comum a presença do discurso social de aceitação àqueles que têm sua orientação sexual /ou gênero psíquico díspares dos padrões e conceitos sociais tradicionais ligados às definições de gênero masculino e feminino. Tais conceitos se relacionam, também, as classificações biológicas que pregam que as relações ditas naturais e normais devem ocorrer entre sexos opostos e, partindo de tal concepção, quem não segue tais convenções sociais de homem e mulher e seus respectivos caracteres é vítima de estigma social, cultural e até exclusão (Ceratti, 2014).

O homicídio de homossexuais no território brasileiro pode ser considerado um problema de cunho social, de saúde e de segurança pública, de violação dos direitos humanos apreendidos pela Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) que prevê o livre direito de ir e vir pelo cidadão brasileiro.

Os dados dos Relatórios do GGB dos anos de 2012, 2013 e 2014 para o mesmo período deste estudo revelam respectivamente 296, 264 e 259 homicídios respectivamente, estatisticamente, pouca significância na redução das mortes da ordem de 40 mortes no comparativo 2012-15, 08 mortes no comparativo 2013-15 e 03 homicídios na comparação 2014-2015, todavia altamente positivos para os resultados das lutas dos grupos de classe dos movimentos LGBTT ocorridos no Brasil para conscientização da igualdade e respeito à vida humana (Bahia, 2012; 2013; 2014).

Os dados supracitados são animadores para o período em estudo, mas os resultados finais dos relatórios revelam crescimento de mortes contra a população LGBTT desvelando 318 mortes em 2012, 312 em 2013 e 326 em 2014, outro panorama que confere ao Brasil o repugnante e desvantajoso primeiro lugar no *ranking* de mortes a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (Mello, 2014).

A realidade brasileira destoa do que resultados de pesquisas apontam para outros países como a Itália com o registro de 37 homicídios e 194 agressões no quadriênio 2006/2010 e 100 homicídios na população LGBTT em uma década – 1990/2001 de acordo com o estudo de Curro; Rizzo (2014) com 57 notificações em 2011 segundo o Relatório Arcigay (2011).

A intolerância, característica preponderante aos homicídios ocorridos nas regiões do Brasil, é comparável a outras nações como Qatar, Nigéria, Sudão, Emirados Árabes Unidos, Irã, Somália, Maurtânia, Arábia Saudita, Iêmen e Uganda onde a pena de morte, tortura,

execução e/ou morte por apedrejamento são as penas mais comuns e executáveis ao sexo masculino enquanto que para o sexo feminino⁹ as penas são mais brandas enquanto em outros países como Maldivas, Tanzânia, São Cristovão e Neves, Ilhas Nauru e Serra Leoa é mais branda a ambos os sexos (Silva, 2014).

252 | É perceptível o despreparo das políticas públicas voltadas ao público LGBTT, população em estado de vulnerabilidade. Até bem pouco tempo o Brasil não dispunha de um diploma federal que fosse apoio ao grupo LGBTT quando em 2006 foi apresentado a Câmara dos Deputados Federais o Projeto de Lei Nº 122 que altera a Lei Nº 7716 incluindo, por ementa parlamentar, o crime por discriminação ou preconceito por questão de gênero e orientação sexual com punição (Paim, 2013).

Destarte a lei, os crimes que tiveram uma resposta das autoridades policiais ainda são poucos, tendo unidades da federação brasileira como o Acre que em 2012 teve 02 homicídios e nenhum deles foi resolvido prevalecendo ainda a ideia do macho que resolve suas diferenças de orientação sexual através do assassinato, ficando os assassinos impunes, somatizando as violências aos direitos humanos.

A literatura aponta o estigma social e estrutural como um risco de maiores probabilidades à morte precoce (Hatzenbuehler, Bellatorre, Lee, Finch, Muennig, & Fiscella, 2014) indicando que os bairros e suas respectivas localizações espaciais urbanísticas contribuem ainda para os índices de mortes entre LGBTT (Duncan, Hatzenbuehler, & Johnson, 2014), o que parece ser reforçado pelo fato da maioria dos casos ocorrerem em bairros periféricos vulneráveis no tocante a cultura e desenvolvimento humano não omitindo o *bullying* na escola (Dank, Lachman, Zweig, & Yahner, 2013) que serviria como pano de fundo para justificar o suicídio entre homossexuais ainda em florescimento da adolescência.

Os resultados que apontam a forma como os crimes por homofobia são cometidos deixam claro que as armas de fogo e as armas brancas ainda são as mais utilizadas, sobremaneira nas vias públicas, onde há predomínio de execuções ficando ali as marcas da violência com o sangue. Tipologias de execuções homofóbicas no Brasil estão próximas das apontadas em estudo desenvolvido no México onde os corpos eram encontrados nus e amarrados (Granados & Delgado, 2008) ou do estudo realizado na Flórida que identificou múltiplas causas (Bell & Vila, 1996) havendo ocorrido na nação brasileira casos em que a vítima foi apedrejada, espancada, decepado os órgãos genitais e atropelada, ou parcialmente carbonizada depois empalada¹⁰.

As formas hediondas como os crimes são praticados têm seus executores predominantemente não identificados o que reforça a hipótese de que o grupo social LGBTT é dentre todos os grupos minoritários o mais repellido e vítima de preconceitos não exclusivamente pela cor, conforme mostram os dados, mas por sua orientação fazendo o adendo aos casos desvelados de discriminação (Mott, 2005) deixando assim de cumprir com os 05 passos/obrigações legais do Estado para proteção e preservação dos direitos humanos da população LGBTT previstos no documento ‘Nascidos Livres e Iguais’ que são proteger, prevenir, descriminalizar, proibir e respeitar (Commissioner, 2012) reforçando a ideia da supremacia masculina e o discurso dominante já desde a adolescência (Pinto, Catrib, Lourinho & Brillhante, 2015) fazendo ganhar força discursos tais como “Prefiro um filho bandido que homossexual” (Mott, 2005, p. 99).

⁹ Compreenda-se aqui a referência ao sexo biológico e não a orientação sexual e o gênero psíquico por não ser o interesse deste estudo apontar se naqueles países há as mesmas denominações do Brasil.

¹⁰ O termo é utilizado no Brasil para designar os casos em que objetos externos e de proporções anormais são introduzidos no anus da vítima.

Considerações Finais

O assassinato de pessoas pertencentes ao grupo LGBTT ainda é um problema que atinge proporções assustadoras o que reflete, indiscutivelmente, a fragilidade do discurso velado de aceitação da orientação sexual e/ou gênero psíquico, reforçando as ideias de milhares de anos atrás no século XXI. São famílias que não aceitam que seus filho(a)s seja(m) homossexual(is), são homens e mulheres intolerantes a que os seus semelhantes gostem do mesmo sexo, são instituições que pregam que tais atos são pecaminosos e representam a desmoralidade da nação ou estágio de degradação final do ser humano.

Reforçam essas intolerâncias algumas ideias de representantes do povo brasileiro que, inclusive, pontuaram a homossexualidade como sendo uma doença, indicando a cura gay, todavia enquanto no cenário político se está preocupado com as questões exclusivamente morais, no território brasileiro as mortes endossam os números e envergonham o país sendo contabilizado, por vezes, duas mortes em um mesmo dia o que reflete as fragilidades das políticas públicas para aquela população que continua desprotegida contra a violência.

Não é raro encontrar discursos a dizer que o movimento LGBTT aumenta, inflaciona a realidade da morte dos homossexuais, porém a realidade traz outro cenário quando indica formas brutais de assassinatos e até suicídios por incapacidade em lidar com as pressões sociais.

A ideia de que na equidade deve-se tratar de forma desigual os desiguais não se opera na realidade social onde os dados só aumentam e reforçam que a sociedade brasileira, assim como as de muitos outros países não está preparada para conviver com as especificidades de cada um, desde que estas não sejam expostas, ou não ‘ameacem’ [grifo nosso] o que se chama de integridade social e ainda especialmente que os discursos não são compatíveis com as práticas.

Referências Bibliográficas

- Bahia, G. G. (2012). *Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil*. Bahia.
- Bahia, G. G. (2013). *Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2013/2014*. Bahia.
- Bahia, G. G. (2014). *Assassinato de Homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2014*. Bahia.
- Bell, M., & Vila, R. I. (mar de 1996). Homicide in homosexual victims: a study of 67 cases from the Broward Country, Florida, Medical Examiner's office (1982-1992), with special emphasis on "overkill". *Am J Forensic Med Pathol*, 17(1), 65-9.
- Bíblia. (2009). *Bíblia Sagrada*. São Paulo, São Paulo, Brasil: Ave-Maria; Claretiana.
- Bolognini, S. (2011). *Report: Omofobia in Italia - 2011*. Associazione Gay Lesbica e Italiana. Bologna: Arcigay.
- Brasil. (2005). *Constituições Brasileiras*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações.
- Brasil. (2010). *Política Nacional de Direitos Humanos*. Brasília, Distrito Federal, Brasil: SEDH/PR.
- Ceccarelli, P. R. (dez de 2013). Reflexões sobre a sexualidade masculina. *Reverso*, ano 35(36), 83-92.
- Ceratti, M. K. (7 de mar. de 2014). *El país: Ediciones El País S. L.*. Acesso em 30 de novembro de 2014, disponível em Site da Ediciones El País S.L.: http://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/07/sociedad/1394211626_115208.html
- Commissioner, U. N. (2012). *Born Free and Equal*. New York and Genova: United Nations.
- Currò, S., & Rizzo, A. (mai./ago de 2014). Omofobia e omicidio in Italia: un'analisi psicologica. *Rivista di Criminologia, Vittimologia e Sicurezza*, Ano VIII(2), 120-137.

- 254 | Dank, M., Lachman, P., Zweig, J. M., & Yahner, J. (17 de jul. de 2013). Dating violence experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *J Youth Adolescence*, 43, 846-857.
- Duncan, D. T., Hatzenbuehler, M. L., & Johnson, R. M. (01 de fev de 2014). Neighborhood-level LGBT hate crimes and current illicit drug use among sexual minority youth. *Drug Alcohol Depend*, 1(135), 65-70.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (13ª ed.). (T. d. Albuquerque, & J. A. Albuquerque, Trans.) Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Graal.
- Granados, J. A., & Delgado., G. (mar de 2008). Mortality by homicide in homosexual: characterization of the cases registred in Mexico between 1995 and 2000. *Am J Forensic Med Pathol*, 29(1), 43-8.
- Hatzenbuehler, M. L., Bellatorre, A., Lee, Y., Finch, B., Muennig, P., & Fiscella, K. (1 de fev. de 2014). Structural Stigma and All-Cause Mortality in Sexual Minority Populations. Bethesda, Estados Unidos, Estados Unidos.
- Hochman, B., Nahas, F. X., Oliveira Filho, R. S., & Ferreira, L. M. (2005). Desenhos de Pesquisa. *Acta Cirúrgica Brasileira*, 20(Supl 2), 02-09.
- Kauark, F. S., Manhães, F. C., & Medeiros, C. H. (2010). *Metodologia da pesquisa: um guia prático*. Itabuna, Bahia, Brasil: Via Litterarum.
- Mello, A. (22 de Setembro de 2014). *S/A Estado de Minas*. Acesso em 29 de Novembro de 2015, disponível em Site da S/A Estado de Minas : http://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2014/09/22/interna_nacional,571621/brasil-amarga-o-preco-da-intolerancia-e-lidera-ranking-de-violencia-contr-homossexuais.shtml
- Mott, L. (mar./maio de 2001). A revolução homossexual: o poder de um mito. *Revista USP*(49), 40-59.
- Mott, L. (jan./fev. de 2005). A construção da cidadania homossexual no Brasil. *Democracia Viva*, 25, 99-103.
- Paim, P. (18 de nov de 2013). *Legis Senado*. Acesso em 30 de nov de 2015, disponível em Legis Senado: <http://legis.senado.leg.br/mateweb/arquivos/mate-pdf/140405.pdf>
- Pinto, F. R., Catrib, A. M., Lourinho, L. A., & Brilhante, A. V. (30 de Novembro de 2015). O “macho nordestino” em formação - sexualidade e relações de gênero entre adolescentes cearenses. *Anais dos Eventos Científicos 2015*. Fortaleza, Ceará, Brasil/Nordeste.
- Sampieri, R. H., Collado, A. F., & Lucio, M. P. (2013). *Métodos de pesquisa* (5ª ed.). Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: Penso.
- Silva, R. (4 de Outubro de 2014). *Spotniks*. Acesso em 29 de Novembro de 2015, disponível em Spotniks: <http://spotniks.com/os-15-paises-que-mais-odeiam-gays-mundo/>
- Silva, S. D. (sept de 2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre sexos. *Psico. ciênc. prof.*, 20(3), 08-15.